

Lisboa. 17.89

Artur

Quem terminei este cadavre:

De sangue. - Será? - Ou naufrágio?

A mim parece-me mais memória que
vai fossilizando, crônica absurda.

La respoende

Siga o que for foi quase divertido encon-
trar um vago eco das miúdas primeiras co-
lagens. A sua (seu), não ~~te~~ é menos surpreen-
dente. Há ~~co~~ nele outras coisas que já não
via há muito.

Como eu o lamentei no outro dia na
SOCTIP! Você estava frágil e só por força
conseguiu sorrir. Realmente em 89, quase
60 anos de surrealismo, ver em Portugal,
o mesmo terrível engano, a mesma absur-
da confusão com o que o movimento
sempre exigiu e facultou... A prova-
ção que isso lhe deve ter causado.

Consolemo-nos. A palavra surreal con-
tinua hoje tão temida, sulfúrica e ~~conspira-~~
~~dida~~ incompreendida como há 40 ou
mais anos. Portugal, a meu ver, país das
real por excelência, dissolve-se atenua-
zado perante tal. E a Futeleptotia? E a
política? E os forens?

Tudo isso, isto e aquilo, ontem e não único,
nessa noite de chuva, fêz-me lembrar inen-
tas coisas. O país bateu, chata.

Mas mais prosaico penso que o prêmio sem-
pre terá o condão de lhe pagar as obras na
ma da rosa. — Que terão eles premiado?

O Surrealismo? A obra? (e a vida?!), você?
Ou muito mais premiarão-se a si e entre
si, pensando que em livro e livro e prêmio
poderiam ir cada um uma vez nas suas vidas?

Realmente não consigo gostar do... Teixei-
ra? O que faz, ou fiz, selos.

Bom. Basta. O seu prêmio anda você a
trazê-lo há toda uma vida.

Desculpe mas como você refere não
ando brilhante (nunca o fui), mas é difícil a
tudo imaginar, pensar, seja no que for, quan-
do a cada dia nos obcecamos constantemente.
Outros tempos vição. Sou otimista porque
detesto e acho absurdo ser pessimista.

Tenho um outro cadavre iniciado, depois eu
vio-lhe. Quero encontrar-me consigo. Peça
médico amigo (da Comp. dos Telefones), por di.
Vamos ver o que dá.

Verei se consigo fotografar a mesa. Está
longe de ser o que queria. Mas...

Abraço-o com amizade

Carbaterreandes

Lisboa 22.11.89

Arthur

Mais, e mais uma vez obrigado.

O trabalho que tenho em mãos, e que lhe mostrei, está parado. Fui à "Homem", onde inicialmente o tinha mostrado, mas a redacção está demissionária. Jeram e gostaram e prometeram-me passá-lo aos futuros dirigentes, ou redactores, que virão. Acontece que sem saber bem qual o eu-velho que pretendem dar ao novo número, e sem falar com eles, não sei se estou inte-ressado. Tenho o trabalho corrigido e tença-o mostrá-lo para a semana que vem, na "Sábado", "Expresso" ou "Semanário".

Quanto à sua proposta de venda dos cadernos, já me ocorreu, mas ~~era~~ é difícil para mim desfazer-me das coisas que nar-ram a nossa história e a história dos outros dentro de nós. Quando tinha viv-

te anos, achava-se quase normal, não ligava muito. Tinha o tempo e umas poucas crises que hoje recordo mal.

Como anedota e evidência conta-lhe o seguinte: — Aqui há uns meses, desesperado, tentei vender um desenho seu. E um velho amigo que me enviou para Angola.

Tem-me acompanhado sempre. E moldura durado. Pedi a amigo se o conseguia colocar. Dois dias depois telefonei a utilizar a venda. — Não consegui.

Tem-me desfeito de muito, quase tudo. E nem é drama. Mas há quatro ou cinco coisas a que me agarro. Aquela envelope é um dilema.

Estou completamente na merda. Nada do que inicio, faço, profundo, consegue viajar até longe. — Os Deuses lá sabem.

Estou em casa de meus pais. Péssimo, pois nem tenho espaço para trabalhar. E tudo o que tenho, de momento, são 40 com a colaboração no Diário. — Brilhante, não acha. Já consigo vender um quadro, um bonco, uma ideia. Mas não é certo.

Agora propus, propuseram-me, a montagem de um bar. Como eu quizer. O dinheiro é doutro. Que me deve umito, mesmo umito, mas são águas lá umito passadas. Ele entra com o dinheiro, estipula-se um ordenado para mim e eu dou assistência social. Além da decoração.

Helio que aceito. Que mais posso fazer? Entusiasmo? Eubala? - Não. Como disse e já não recordo quem foi: - "Tudo tomou rumo diferente do previsto"...

Do amor, querido amigo, mal recordo. Eu com bem mais toja que você, sei, hoje, que nunca fui amado. Mas ao contrário de você, não lamento, ou pouco, o amor para mim foi, soube-o sempre, algo exterior a mim, incessível. Que amei! Mas nada ficou. O que me dói nos ombros, me pesa nas costas, me farte os rins, é algo que ainda não aprendi a definir. Claro que o dinheiro... Claro que criar... Claro que o amor... - Mas o quê?!

Ontem na televisão falaram, mostraram uma gens de um quasar. Raios brilhante que

ninl galáxias. A 14 milhões de anos
luz da Terra. É a coisa mais antiga que
se conhece. O Big Bang ficou suspenso.

Quanto anos luz têm esta história?

E que é a Eternidade? E que importância
tem realmente isto? Ou isso?

Prova a mão, desaparece a cabeça,
esquece que eu sou um estúpido. Envie-
me um cadáver. Adia uma ótima ma-
jeira epistolar.

Pinteí mesa que desenhei.

Queria falar consigo sobre exposições.

Queria ser muito feliz.

Abraca-o carinhosamente

Carlos Fernandes

01.12.10

Libra. 27/12.89

Arthur

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo FCS	Q. 131. 11

Não lhe envie as boas festas!....

Acontece que festas, (e estas festas), não me ocorrem. Já são outras as minhas festas. Desculpe a falta. E utulanto fui operado e ostento por uns dias, magnífico penso em pleno naiz.

Perdi uma ida ao Algarve para a Carrapateira, que é uma praia lindíssima, em particular nesta época.

Pedrouços, Careiza, e as dunas em horizonte.

Escrevo-lhe da Gulbenkian onde vive o Costa Pinheiro e acabei vendo uma ótima exposição de Itanah Hoch. Retrospectiva duma dinamarquesa ou estava do período aires do Dadaísmo e do Surrealismo. Ignorava em absoluto. A minha cultura... Colagens que gostei bastante. E você como vai? - Sempre deu a entrada ao Ernesto Sampaio? Diga-me quando e dia. Por favor telefone-me pois não sei onde meti os apontamentos

respondido em 11-1-90

Que me den sobre o telefone.

Necessito saber a data em que
metem o fidejo. Vou tentar junto do
Carlos Gomes (com quem já falei), que
trabalha numa avencel na Comp. dos
Telefones. — Não custa tentar.

Telefone-me das 10h às 14h ou en-
tão à noite.

Queria também estar contigo.
Podíamos ir ao teatro, ou ao cinema ou
beber um copo.

Seu amigo

Carlos Fernandes

LISBOA.
12.1.90

Arthur

Esta produção começa a assustar-me.
Mas estou, também, a achar graça. Isto
vão marés, ventos. Talvez que se afrente alguma
na costa, outro continente.

Este vai fintadinho e colado, quer-se mais limpi-
nho, lúxoso. Mas depois observei e sorri. O aca-
bamento resente-se das condições. Em casa não te-
nhos meios, no atelier não me afutece. fica assim,
em jeito de borrallho, mal acabado, coisa que a mim
e de certo a ti, pouco importa. Sempre me irritou
a técnica.

Do Beto não sei. Foi para a Bélgica com a in-
glesa, bebados os dois. Lastimável. Procurou-me 3
ou 4 vezes. Mas eu tenho um fraco. Uma vez zanga-
do (o que é muito difícil), não resta nada. E fico tris-
tíssimo. Mas ele afrontou-me muitas, e na última
eu apostei tudo o que tinha, que era pouco.

De mim, cá vos teimando. Rindo da teima e deses-
nhecendo a meta.

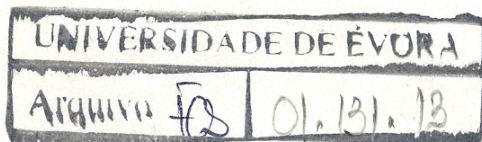
Que tal jantararmos na 5ª feica? Podemos encon-
trarmo-nos na Brasileira às 7, 7,30h?

Espero que sim.

Abraco-o com ternura

Carlos Fernandes

Arthur



4/10/94.90

Imagine você que quando recebi (atrasado em relação ao combinado), estava eu a fazer um trabalho (serigrafia/quacho) sobre o 1.º cadavre feito por nós esta época (qual?!). — Tudo isto se refere ao meu postal/carta recebida ontem por volta das 18h. Abria eu, afanosamente, uma máscara ou quadro onde duas aves de fogo se beijam formando a calote duma máscara clássica. Tanto quanto o Mediterrâneo. Evidente que às 18h seria compreensível não ter comparecido às 12h. Escrevo-lhe porque quero agradecer-lhe e pedir desculpa. — Compreenda. Estou ansioso para lhe mostrar as minhas últimas habilidades (necessito que veja). Uma mistura de técnicas. Serigrafia (vem primeira), quacho e Cefir. Gostaria de poder combinar consigo qualquer coisa, mas por um lado tenho de momentos alguns compromissos, dos quais só no espaço de algumas horas, ou

dias (1, 2?), podendo ter certezas de en-
fres e tempos livres. (Curioso como
nos conseguimos enredar nestas teias
que tanto odiamos...)

A minha vida continua igual. Soubra-
do para além do permitido e especulati-
vo o que a vida vai deixando.

Como os nossos contactos continuam
complicados (Será que elas sabem?), fren-
to que o melhor será eu voltar a escre-
ver e marcar. Pelo menos com 2 dias de
antecedência.

Curioso tudo isto. Eu estou cada vez mais
supersticioso (ou religioso? Ou será que
sou do Benfica?). Tudo perguntas que eu
ultrapassam.

Vi uma coisa bonita na Televisão. Um
bailado. "Grossland" de uma alemã (ou Holan-
desa?), qualquer. Uma dança de gordos,
muito gordos. Espectacular!

~~Acete~~ Aceite o meu abraço

Carlos Fernandes 90

01.131.13

~M